

PERDEU-SE
RELÓGIO
DE SENHORA
Alice Brito



COMPANHIA DAS LETRAS



A sede

22 DE ABRIL DE 1974

AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, LISBOA

A cidade de Lisboa tinha má cara. Olhava de lado, carregava um cinzento-fosco, ombro encolhido, curva nas costas, arrastava os pés em marcha penosa, cuspiam pragas e salivas coléricas. Tudo com contenção. Com aquela calma de lividez doentia e com uma fúria oculta a fermentar. Não era só a guerra. Era tudo numa soma agreste, como disse o cantor. Portugal parecia, então, uma coisa pardaça em forma de país. Por muita balada que alguns jovens entoassem, por muito verso e livro escondido e proibido que se lesse, nada, mas nada, acalmava aquela sede, aquela sensação de carência que vem cá de dentro, uma espécie de alerta que o corpo envia para dizer que precisa de água. O objectivo da sede é a sobrevivência.

Tinha-se muita sede por esses tempos.

Nos cafés, ponto de encontro obrigatório, acalmava-se a dita sede com doses consideráveis de conversa. A conversa possível nos intervalos do trabalho, ou depois do trabalho, ou depois das aulas, ou antes ou depois do que quer que fosse. Tomava-se a bica, falava-se; os estudantes estudavam; os conspiradores conspiravam. Mulheres e homens fumavam e, por entre nuvens de fumo, iam-se deixando cair desprazeres, revoltas e promessas de fazer qualquer coisa, premonições de um fim próximo. Aquilo havia de cair, só não se sabia quando.

Isto diziam os mais esperançosos, havendo outros, em número inferior, que afirmavam ter já ouvido esse lengalengar muitas vezes, pois, pois, Jota Pimenta, ironizavam. Voltavam ao jornal que se apequenava entre os dedos, como se carregasse a culpa, privado que estava de notícias sinceras, de não ter páginas à altura daquele descontentamento. Havia por ali fumo, cheiro a café e, nalguns casos, conjura efectiva; com o barulho da moagem dos grãos havia também, em pontos diferenciados, propósitos concretos, substantivos, de mudar o possível e o impossível. Por isso mesmo a convicção de mudança e, sobretudo, o desejo de mudança estavam presentes, tão presentes como o chão que se pisava.

A História ia-se roçando por ali, libidinosa, envolvente e invisível, à espera de um sinal. Clio, a deusa encarregada de a fazer, era então ubíqua por entre as multidões. Não frequentava só os cafés. Andava pelas bichas de autocarro, nas carruagens do metro, nas fábricas das cidades industriais, nos campos alentejanos e onde quer que a picadura do mau viver se fizesse sentir. Gostava mais das cidades do que da ruralidade ostensiva de que o país parecia estar contaminado. Ultimamente, a musa até nos quartéis andava, clandestina e alegre, com muito trabalho pela frente.

Vistas as coisas com os olhos de agora, aquele era, de facto, um período todo desfazido. Incandescente sem que se visse a labareda. O que nasce torto, tarde ou nunca se endireita, diz o povo, e é bem certo.

O regime sofria de variadas avarias que não conseguia consertar. Chamava, amiúde, os técnicos da repressão, conhecidos pela sua eficácia, mas estes punham um tampão aqui, e logo acolá despontavam desarranjos tão graves ou maiores do que os anteriores.

Salazar havia-se viciado nisto. Porrada, prisões e tortura resolviam tudo. Um pacote perfeito. Estudantes tonitruantes na cantina da cidade universitária? Porrada neles e prisões cirúrgicas. Greves um pouco por toda a parte e pior ainda nas fábricas? O mesmo pacote, reforçado. Manifestações em dias e horas insuspeitas? Polícia de choque, bastões e pingalins. Havia alguns bófiás que gostavam de pingalins. E tropas, também. Vá-se lá saber porquê. Talvez Freud, muito dado a explicações sexuais, nos pudesse dizer alguma coisa.

Viciada que estava nisto, e também por ser pouco dada a análises sociológicas, ou mesmo políticas, com as toneladas de narcisismo que todas as ditaduras têm, a governação desta época não via, não intuía, não ouvia o que os diletantes profissionais de café e pastelaria diziam todos os dias. Isto está nas últimas. Não pressentia, de igual modo, a sede do pessoal, a sede, o tal alerta que o canastro vai enviando para se safar.

O país era um pardieiro.

Vivia-se. Ia-se vivendo. Mal.

A gente quando passeia nas ruas nem desconfia o que vai dentro de cada casa. Monólogos solitários, diálogos parecidos com monólogos, paixões, desamores, ódios requentados, trabalhos e ócios. Sorrisos, gritos, pragas e insultos ou palavras doces de amores múltiplos. Esperanças e prostrações domésticas. O bolo que cresceu, o arroz com sabor a bispo. Máquinas que trabalham. Refogados lentos e panelas de sopa. Papas. Um brinquedo abandonado no chão da sala. Fingimentos e sinceridades. Calúnias e desculpas. Cheiro a fritos, ou naftalinas, migalhas em cima de mesas. Caixas de costura, algumas com embutidos em prata, e ferramentas na prateleira da despensa. Segredos

escondidos debaixo do papel forrador das gavetas. Memórias de infância, fotográficas e distantes, e memórias recentes, voláteis, que se limpam facilmente. A casa é um outro corpo. É em casa que se anda nu.

Aquele era um prédio da Duque d'Ávila, e no primeiro andar moravam três mulheres.

Beatriz, Benvinda e Bia. Adjudiquem-se as vidas.

Beatriz

SETÚBAL, 1922

ESTE ANO DE 1922 NASCEU CHEIO DE PICA.

«Assim a cidade repete a sua vida sempre igual, deslocando-se para baixo e para cima sobre o seu tabuleiro de xadrez vazio.»

ITALO CALVINO, *As cidades invisíveis*

A cidade assanhou-se, pôs as garras de fora, o corpo magro em forma de ataque e, felina e febril, preparou-se para um salto. Salto e assalto. A bem dizer, assaltada tinha sido ela desde há muito, com aqueles salários esqueléticos e as faltas de sempre.

Um ano inquietante, com a porcaria da peste suína a grassar. Os porcos doentes continuavam a vender-se. Não seria o lombo que visitava a mesa do pessoal das conservas. Para esses, havia o toucinho, ou em dias mais felizes um bocadinho de chouriço a alegrar os caldos. Os bichos ficavam pestosos, mas abatiam-se na mesma e toca a andar para os talhos.

Setúbal sentia-se também abatida. A cidade já não suportava nem o desprezo, nem aquela migalha malparida a que se chamava salário.

Já chega. Não vale a pena falar do que já se sabe.

Ainda por cima, tinha faltado a farinha. Faltando a farinha, faltava o pão. E está tudo dito.

A coisa foi levedando, e aquela azia, aquela sensação de vazio de existência, aquela vida semelhante a uma lata sem sardinha ou carapau ou cavala, só lata, aquela constatação de que o rastejar eterno não podia continuar, foi-se instalando, instalando, num crescendo que rebentou em Setembro. Os soldadores decretam greve a 18. E as mulheres da fábrica do peixe, a 19. A partir daí, tudo saiu dos eixos. E a greve perdurou por três longos meses.

A grande greve geral da indústria conserveira aconteceu neste ano de 1922. A greve e, máxime, a greve geral, integra um instrumento tradicional do confronto, uma ferramenta, estratégia de colisão. É parte substantiva da tecnologia do combate.

Setúbal era então perita no engenho da sobrevivência. Muita fome, fominha, se torneava por quotizações e dádivas. Solidariedade. Parece que é assim que se chama.

Mas, antes, tinha acontecido Agosto. Um Agosto molhado, vá lá a gente perceber a Natureza, com chuva farta a inundar as ruas. Não tinha sido propriamente um dilúvio, ainda que em algumas casas tenha entrado água. Eram casas baixas, em ruas muito sujas. Não foi o caso do primeiro andar onde nasceu uma menina a quem foi dado o nome de Beatriz. A mãe queria chamar-lhe Maria Beatriz, mas o pai, soldador de profissão, republicano confesso e mais qualquer coisita lá para a banda do anarquista, não deixou. Beatriz chega bem. Viviam em casa da tia.

E a tia declarou, seráfica, ainda bem que é uma menina. Preciso de alguém que me ajude na costura, que estes meus dedos já deram o que tinham a dar.

Ouviu-se como que uma praga, e depois a voz do pai muito escorada de certezas, a minha filha há-de estudar. Professora. Há-de ser professora. Não a quero à obediência de ninguém. Não há cá mais conversas sobre costuras. Nem que me mate a trabalhar, a minha filha há-de estudar. Há-de estudar. Ficou embaçada,

a outra. Conhecia aquela criatura com quem a sobrinha tinha casado. Se se lhe metia uma coisa na cabeça...

Isto foi dito e reiterado a 18 de Agosto, enquanto numa panela se cozia bacalhau para dar à mãe da menina, para que tivesse leite.

Um mês depois, começou a epopeia grevista. Epopeia, sim senhor. Até Homero, se fosse vivo, teria contado esta odisseia setubalense. Há nesta greve uma épica de sofrimento, justeza de propósito e persistência. E derrota.

O movimento operário sofreu que nem um desalmado este fracasso, a tristeza a revelar-se a cada dia em que de novo se entrava na fábrica. Tinha caído em si, vendo agora a insensatez dos mais de noventa dias de luta fálhada. Não eram só os salários. Era a sensação da perda de adrenalina que os momentos de luta alta sempre emprestam. Era o desprezo do patronato cada vez mais gangsterizado. As latas continuavam lá para serem cheias e soldadas. O peixe continuava a chegar para ser tratado pelas mulheres. As sirenes continuavam a tocar. Mas tudo se processava ao ritmo daquele desgosto colectivo, da nítida consciência do retrocesso.

O pai de Beatriz não cumpriu a promessa. Os pulmões arruinados pela profissão ditaram-lhe um fim antecipado. Morreu numa manhã enregelada de Fevereiro, tinha a menina cinco anos.

A menina, que era bonita, aliás, muito bonita, aloirada, quase angélica, foi crescendo numa verdadeira redoma de protecção. Fez a escola, a chamada quarta classe, com distinção. Entrou só com oito anos, porque era muito magrinha e o médico teve medo da tuberculose, doença em que a cidade era mestra. E doutorada.

Aos doze, depois do exame, ninguém sabia muito bem o que fazer à criança que já não era bem criança. Também já

não era tão bonita como na infância inicial. Tinha crescido, ganhado peso, altura e acne. As feições correctíssimas estavam lá. Os olhos e a boca bem desenhados integravam um conjunto que com sorte se tornaria atraente, para não falar do nariz indagador, atrevidote, uma graça complementar. Mas aquela adolescência vulcânica, em que o corpo tentava encontrar-se, perdido que estava num caldo hormonal efervescente, tornava-a meio desengonçada, a descair para o pesado.

A pouco e pouco, a coisa compôs-se. E Beatriz, a quem a tia e a mãe haviam negado o destino da costura por homenagem ao soldador, viu-se, com dois anos de Escola Comercial, à frente do balcão de uma loja de louças, com promessas de outro emprego quando fizesse dezasseis anos. O senhor Baptista, bom homem, era dono de vários estabelecimentos, entre os quais aquela loja de louçaria em que Beatriz pontificava no atendimento à freguesia.

Uma figura apagada, de carrapito, penteado muito utilizado naqueles fins dos anos 30, contrastava com a jovem. A mulher do dono, Natália de seu nome, passava os dias sentadinha numa cadeira a fazer renda. Se chegava alguém, ajustava os óculos grossos, olhava e tornava a olhar, caladinha, acanhando-se na cadeirinha, que ela era pequena e frágil. A clientela saía da loja, dizendo, adeus, dona Natalinha. E ela respondia, num fio de voz, adeusinho. Por detrás daquele *adeus, dona Natalinha*, havia uma acidez palpável. As pessoas, maioritariamente mulheres, sabiam que sob aquela pose anódina havia um mando e comando autênticos. Era ela quem decidia tudo. Preços, descontos, salários dos empregados, compras a fazer, encomendas. Quando questionado sobre alguma coisa do negócio, o senhor Baptista respondia sempre, amanhã lhe digo. Vou ver. E, no dia a seguir, já havia resposta. Dona Natália tinha decidido.

Beatriz frequentara apenas dois anos da tal Escola Comercial. Era um grande esforço tê-la a estudar. Mas não foi só esse o motivo da saída. Havia muito rapaz, muita calça a frequentar a dita escola. Alunos e alunas cruzavam-se por vezes à entrada e à saída. Aquilo era um perigo. É claro que tinham aulas separadas, que o ensino desse tempo não era misto. Havia pejo e decência. Rapazes para um lado, raparigas para outro. No Liceu, as raparigas chamavam-se meninas. De qualquer modo, os tais dois anos frequentados numa escola comercial constituíam já uma notável habilitação.

Estávamos em 1938, quando Beatriz fez dezasseis anos. Ano ruim, como todos os daquela malfadada década. Já Hitler tinha posto a pata na Áustria e se preparava para a patada seguinte. A mãe e a tia apareceram em Setembro na loja, para falar com a patroa. Iam cobrar a promessa de emprego, uma coisa melhor para a miúda.

Dona Natália disse, qual miúda... aqui não há miúda nenhuma. É alta e gorda. Uma mulher feita.

Beatriz ouvia aquele diálogo cruzado enquanto embrulhava uma travessa verde de cavalinho. Louça de Sacavém. Não apreciou o tom da conversa. Gorda é a tua prima, pensou.

Eu não desgosto da rapariga, declarou dona Natália. Não tem medo do trabalho e é alegre. Mas só sai daqui para o escritório se começar a conversar com o meu sobrinho. O rapaz precisa de uma mulher. Se não lhe dou um puxão, não arranja ninguém. E continuou na renda.

O sobrinho era um moço alto, magrito e tristonho. A tia andava sempre atrás dele, tu come, rapaz. Ainda me tens uma doença má. Olha os pulmões.

Órfão de pai e mãe. Pneumónica. Por esses anos havia muito disto na cidade, quer dizer órfãos, sozinhos no mundo. Não foi o caso de José Inácio, que a tia criou como se fosse seu filho, acolitada pelo marido que encontrava ali o herdeiro que a Natureza lhe negara. Não sei se terá sido exactamente a Natureza. Como não sei, o melhor é nada dizer.

Os olhos eram também meio desanimados. Nem sequer chegavam a ser tristes ou melancólicos ou românticos. Eram o que eram. Talvez desconsolados. Um desconsolo pela vida.

A tia tinha-o posto como encarregado do armazém. Com aquelas quatro lojas, o senhor Baptista era obrigado a ter um armazém. Pena ser tão longe. Junto ao Parque do Bonfim. Hoje é perto. Muito perto. Mas naquele tempo, para além do Parque, havia como que uma fronteira invisível. Era tudo um descampado, e andar até lá ainda constituía uma viagem considerável. Levava-se merenda e tudo. É o sentir diferenciado das distâncias.

As duas saíram muito aborrecidas da loja. Olha agora, conversar com o sobrinho. Era o que faltava.

O destino só é destino quando se cumpre.

Contrariamente ao desconforto da tia e da mãe, Beatriz ponderou a hipótese. O moço não era feio, não senhor, já tinha olhado para ela duas ou três vezes, e do desvigor dos olhos, assim de viés, havia saltado faísca pequena. Conversaram um ano.

O verbo conversar, utilizado deste modo, é um grandíssimo aldrabão.

As criaturas conversariam bastante, com certeza. Mas, a partir de determinada altura, no escuro do armazém, a conversa inexistia. Brevíssimos ditongos. Diálogos de mãos e pele, lábios, protuberâncias libertadas até ao desemboco no sítio certo

e legítimo compunham o essencial da conversa dos dois, passados alguns meses, com o decoro inicial a ser superado e a dar lugar à vertigem da ilicitude prazenteira dos actos praticados. A conversa consumava-se nos sábados à tardinha, quando o armazém fechava finalmente, ou aos domingos, depois da missa. O rapaz era católico. E crente. Beatriz, que nunca tinha andado nestas coisas da Igreja, começou a gostar da eucaristia dominigueira. Quando entravam no recinto religioso, apossava-se deles uma fé, que só visto. Sinal da cruz e corda nos sapatos. Armazém com eles.

O próprio corpo era um armazém de sensações, com as suas prateleiras bem definidas e instrumentos possantes.

Não houve tempo para Beatriz fazer os almejados e previamente acordados dezoito anos. Um falso alarme de gravidez precipitou tudo.

A tia pagou o vestido e a boda. Madrinha. Tudo do melhor. Até rebuçados houve. «Os Noivos», assim se chamavam, branquinhos, oblongos, com um manso recheio de chocolate.

Casaram em 1 de Setembro de 1939, dia aziago, com Hitler a engolir a Polónia. Diz-se, aliás, que foi aí que a guerra começou, embora uma coisa destas não comece assim do pé para a mão, às tantas horas do dia tal. A guerra andava já por aqui, por esta Europa besuntada de fascismos que preparavam a reincidência do mal, vinte e um anos volvidos sobre a outra crueldade. Mas os noivos não queriam saber da Polónia para nada. Na verdade, duvido até de que soubessem que existia um país com esse nome.

Beatriz passou para o escritório e o marido continuou na faina dos armazéns. Foram viver para uma casa pequena no Bairro Baptista, ali ao pé da Praça de Touros ou, melhor, circundando a Praça de Touros. Era um conjunto arquitectónico com alguma graça, um bairro inicialmente pensado para os operários

conserveiros. Aos poucos, foi mudando de mãos. Bonito demais para gente pobre.

A casa era pequena mas airosa. Tinha um pátio nas traseiras, diminuto, mas suficiente para as roseiras que Beatriz foi plantando. O senhor Baptista tinha-a comprado e quis dá-la ao casal. Mas dona Natália, fula com a não confirmação da gravidez, não deixou. Aluga-se, que a renda é baixa. Estava dito.

Às vezes, de uma ruim toca sai um bom coelho. E aquele casamento, imposto pela tia comandante, foi feliz enquanto durou. Sete anitos. Coitado do homem.

Entretanto, tinha havido uma filha, Natália Inácia. Está bem de ver que quem lhe pôs o nome foi a tia. Quem foi madrinha, mais uma vez, foi a tia. E assim continuaria no poleiro, a fazer renda, não fosse uma coisa má que lhe deu numa manhã de chuva mole. Na placidez da cadeirinha, dona Natália finou-se. O sobrinho, José Inácio, ficou rico. Era o herdeiro. Apesar da surpresa da morte, sobrinho e tio fizeram logo partilhas, dividindo o património.

Também a menina não vingou. Meningite aos três meses.

Isto está a ficar cada vez mais pesado, sendo que a culpa não é de quem está a narrar o que aconteceu. A vida era assim. E Portugal também. Morria-se muito.

Dizia-se que dona Natália tinha ido desta para melhor depois de saber que o marido andava metido com a rapariga que tinha vindo substituir Beatriz ao balcão da loja de louça.

Grande puta, meretriz, ingrata, já para a rua, coirão, não te quero ver à frente, nunca mais. Nunca mais. Isto era dito numa sonância bem audível, acompanhada por um pau de vassoura. A moça, forte e rija, fez-lhe frente. Mas desistiu ao sentir a cólera

descontrolada da outra, tal a dimensão da fúria. O senhor Baptista, caladinho que nem um rato, continuou na faina comercial como se nada fosse, é lá coisa delas. Quando a bomba rebentou, estava a receber a mercadoria acabada de chegar numa carroça pela porta do fundo. Não olhou sequer para o interior da loja que, sendo ampla, projectava o som vermelho-vivo da ira.

Foi contratada a menina Graciosa, uma pequena que parecia anã, mal chegava ao balcão, mas com muito jeito para embrulhar e arrumar. Era um bocadinho vesga. Coisa pouca. Não sabia fazer contas nem dar trocos, mas para isso estava lá dona Natália. Tinha deixado a renda. Continuava na cadeira. Quietinha. Daquela figura calada e mínima soltava-se de quando em vez uma ladainha rosnada, ouvindo-se nitidamente, grande puta, cadela, putona. Depois serenava.

Pouco tempo após tudo isto, serenou de vez.

O senhor Baptista chorou copiosa e sinceramente no funeral. Pois foi. Decorrido o prazo legal para se poder casar, casou. José Inácio ficou a arder com a outra metade da herança, porque o tio mudou o testamento a favor da nova mulher. Na verdade, uns meses depois já não havia daquele lado muita coisa para herdar. Privado da tutela de dona Natália, o barco ia-se afundando.

Já chega. Esta história fica por aqui. Continuemos com Beatriz.

Em Maio de 1945, José Inácio chegou a casa mais tarde. Tinha andado numa manifestação de regozijo pelo fim da guerra, que aconteceu na cidade. Quer dizer, na cidade e no país. Quer dizer, nas principais cidades do país. Neste Portugal de 1945 havia seguramente muitas zonas onde nem sequer se sabia que havia uma guerra. Mundial.

Perdeu-se relógio de senhora

Portugal, anos de fascismo. As vidas de três mulheres vão-se desvendando, inscritas num tempo com pouca cor, sob o olhar vigilante da Polícia política e de uma moral repressiva, num país sob a sombra da guerra colonial e já farto da ditadura.

Por um acaso do destino, estas três mulheres, que tinham tudo para não se cruzar, acabarão a partilhar a mesma casa, um apartamento na Duque d'Ávila, em Lisboa. E, embora a vida de cada uma tenha seguido, até ao momento desse acaso, o seu percurso distinto, sobre todas elas pesou a pata da ditadura. Assim no-lo diz uma narradora sagaz, que vai recuperando a memória de como se vivia, alertando para os perigos de não se saber olhar para trás e lembrando Abril, esse mês em que se matou a sede.

Perdeu-se relógio de senhora é um romance fundamental, de indesmentível valor literário, e Alice Brito, uma autora cuja voz, límpida e acutilante, urge ouvir.




«Isto era um país trágico. É bom que não se esqueça. Trágico. Não se poupem as palavras que, aliás, justiça lhes seja feita, não gostam de ser poupadas. Isto tinha tudo para ser um bom país, e não era. Era um país mau. Foi isso que os fascistas lhe fizeram. Transformaram este chão português num pedaço de bosta miserável. Uma guerra infundável sugava, usurpadora, tudo e todos. Boca cosida, liberdade de imprensa amarrotada como se fosse um papel de jornal a limpar pratos, justiça sinistra, plenamente sinistra nos Plenários, com juízes de beca emporcalhada de submissão e cooperação com o que havia de mais sórdido neste país: a PIDE, as torturas da PIDE, os crimes da PIDE.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-442-0



9 789895 894420